

Henrique Pousão

1884

no primeiro centenário da sua morte

1984



Henrique Pousão

1884

no primeiro centenário da sua morte

1984

Paço Ducal, Vila Viçosa

19 de Maio – 14 de Julho

Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

26 de Julho – 30 de Setembro

Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto

15 de Outubro – 30 de Novembro



Barcelos Perm.



Apresentação

Porque Henrique Pousão nasceu em Vila Viçosa cabe à Fundação da Casa de Bragança inaugurar a exposição das obras deste Pintor, dos mais significativos da história da Pintura portuguesa, na mesma Vila onde também terminou os seus vinte e cinco anos que, embora breves, lhe permitiram alcançar imortalidade.

Não há motivo de prestígio a induzir a Fundação em tal iniciativa: apenas determinação assumida pela vontade de continuar a tradição cultural da Casa de Bragança, tradição que mais se evidenciou por acção do derradeiro Senhor da Casa, o Rei D. Manuel II.

Assim, além de se querer prestar homenagem relevante à memória do Artista, alentejano de sangue, neste lugar privilegiado do Alentejo, pretende-se, cem anos após a sua morte, promover o conhecimento mais rigoroso do Pintor Henrique Pousão.

Deve aceitar-se, modestamente, que ainda não foi tudo dito ou bem dito sobre a Pintura portuguesa do Séc. XIX, e que é profícuo salvar do esquecimento autores e obras que, por convencionalismo, lhe pertencem. Porquanto a crítica, omitindo a perenidade da obra de Arte, tem tendência a analisar os artistas estritamente no contexto do seu tempo; e, como alguém disse, insistir tanto no Tempo é já perda de tempo.

Henrique Pousão, independente de correntes e doutrinas, pela qualidade de estilo da pintura, apoiada na observação da natureza, teve personalidade única e original, que se revela e impõe até num período, como o actual, pródigo em estéticas intelectualizantes e abstractizantes; e verifica-se através da sua Obra que o Pintor, aparentemente repetindo o que se julgava já ter sido conseguido por outros, pôde fazer descobertas, sem se deixar limitar pela obrigação da novidade.

Realiza-se esta exposição com valiosos e gratos apoios da Fundação Calouste Gulbenkian, em cuja Sede vai permanecer e ser divulgada, e do Instituto Português do Património Cultural, que contribuiu decisivamente para a sua efectivação: quer através do Museu Nacional Soares dos Reis, instituição merecedora de louvor, que cedeu para serem expostos a grande maioria dos quadros, e verá a exposição encerrar-se; quer do Instituto José de Figueiredo que tratou proficientemente as mesmas obras.

Démos-mos mencionar, para enaltecer todas as ajudas prestadas: Exma. Sr^a Dr^a D. Maria Tereza Gomes Ferreira, Directora do Museu Gulbenkian; Exma. Sr^a Dr^a D. Maria Helena Soares Costa, Directora-Adjunta do mesmo Museu; Exma. Sr^a D. Maria Fernanda Viana, Directora do Instituto José de Figueiredo; Exmo. Sr. Arquitecto José Sommer Ribeiro, Director das Exposições e do Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian.

Também à Escola Superior de Belas Artes do Porto se deve referência especial, pelo generoso empréstimo de trabalhos de Henrique Pousão.

As obras pertencentes a Coleccionadores particulares, algumas ainda desconhecidas do público, valorizam muito a exposição, pelo que agradecemos boa vontade e compreensão manifestadas nesta cedência.

O Catálogo, da autoria do Director do Paço, Dr. José Teixeira, publica-se para tornar perdurável a exposição comemorativa que é, por natureza, sempre efêmera; mas deseja-se ainda que constitua implemento de trabalho, para uso de todos os que pela Pintura portuguesa se interessam.

João Gonçalo do Amaral Cabral

Presidente do Conselho Administrativo, Fundação da Casa de Bragança

1867-1872

As obras de infância
e juventude

São datados de Elvas os desenhos mais antigos de Henrique Pousão. Nesta cidade exerceu seu pai funções de magistrado judicial como delegado do procurador régio (1863-1871), aonde o pequeno Henrique, que ficara em Vila Viçosa, veio juntar-se, depois da morte do avô António José Pousão, em 1864.

De um seu trisavô paterno e do avô materno, respectivamente Joaquim J. Pousão e Caetano Alves, dados à pintura, continuaria a linhagem artística. O primeiro vemo-lo registado na Irmandade de S. Lucas em 1772, e de sua nobre actividade dará registo exterior pelo «brasão» colocado na verga superior da porta de casa, na Praça da República, junto à igreja de S. Bartolomeu — uma paleta inscrita em cartela esculpida num excelente ornato rococó. O segundo reunira vasta e notável biblioteca, e dedicava-se a pinturas de cariz mitológico e bíblico, para além das decorações dos arcos triunfais, de que é exemplo o erigido durante a visita da rainha D. Maria II, em 1843. Quando em Elvas, fora Henrique Pousão enviado à escola do professor Manuel Justino Pires, e pudera começar a exercitar as suas capacidades de desenho «em tentativas de voluntárias amostras, copiadas de estampas com perfis de meninas e raminhos de flores, coisas inocentes e menineiras revelando origens de estilo» (Diogo de Macedo, *O Ocidente*, n.º 249, Janeiro 1959). Alguns episódios circunstanciadamente revelados pelos seus familiares tributam-lhe alguma precocidade, que o ambiente familiar também propiciou. Por uma fotografia, talvez de 1866-67, vemos os filhos do Dr. Nunes Pousão em ambiente «literário»: os irmãos mais velhos exploram as matérias geográficas e o pequeno Henrique coloca uma flor no chapéu que lhe foi dada pela irmã mais nova. O «Retrato de Rubens» (Cat., n.º 8) (26.4.1869), hoje em lugar desconhecido, feito com apenas 10 anos, traduz uma veneração pelo grande mestre. Essa cópia de retrato que se torna auto-retrato, pelo flagrante registado por seu pai, ao vê-lo a desenhar, em frente do espelho, de fato de veludo negro e gola filipina branca com chapéu à Rubens, trazido de Lisboa por um compadre do pai, prenunciava o entusiasmo de toda a sua carreira artística. E um poeta do tempo (José Simões Dias), sabedor do facto, não deixou de versejar sobre o «arrojo» infantil do Henrique:

«Embora sonhe sempre, e Deus permita
Que nunca em céu tão lindo algumas nuvens
Possam toldar, meu pequenino Rubens
Essa luz que a tua mente à glória incita»

A «Natureza-Morta» (Cat., n.º 2), datada de 7 de Setembro de 1867, é uma obra surpreendente pelo rigor do traço e minúcia superdotada do desenho. A sólida organização da composição mostra um aspecto que acompanhará permanentemente a produção do pintor. O pujante poder de observação é demonstrado na técnica e no rigor com que os frutos são desenhados.

A capacidade de pelo traço fornecer uma carga psicológica é demonstrada com veemência no «Retrato da Prima» (Cat., n.º 9) de 1869. O sóbrio contraste do lápis e do giz tira partido do claro-escuro para acentuar elementos de maior impacto visual.

Pelas obras enunciadas se verifica já realizada uma grande habilidade de mãos, uma propensão ao desenvolvimento da composição através da linha e à captação lírica do envolvente, que uma sensibilidade a lembrar a de uma sua conterrânea mais tardia, Florbela Espanca, recortaria sempre em visão emocionada.

1872-1880

As obras escolares

Depois da transferência do pai para Barcelos, Henrique Pousão vai, no ano de 1872, provavelmente logo na Primavera, para o Porto, a fim de frequentar o 'atelier' do pintor António José da Costa (1840-1929), iniciando assim uma aprendizagem que lhe daria algum à-vontade no curso da Academia que desejava seguir. Em 7 de Outubro desse ano efectua, na verdade, a matrícula na Academia Portuense de Belas-Artes, e com um currículo cheio de êxitos haveria de terminar o curso, em Agosto de 1879. Diogo de Macedo chama a atenção para a juvenil idade com que iniciou os estudos «com 13 anos de idade, porque a sua vocação fora decidida para as artes, seu pai levava-o ao Porto, instalara-o numa casa amiga e matriculara-o na Academia Portuense de Belas-Artes».

Os «Estudos de Flores» (Cat., n.ºs 24 e 25) datados de 25.4.1872 e 26.4, são preciosos para nos revelar quanto os exercícios de Elvas já iam longe e quanto a sua técnica já tinha amadurecido. A estilização é muito mais espontânea e a execução mais preocupada com o estudo dos sombreados e a correcção de todos os elementos.

As cabeças copiadas de estampas que desenhou nesta altura são admiravelmente esboçadas. Os traços, muito elementares, definem ou condensam a significação do modelo e prescrevem as suas «linhas essenciais».

É de 1874 uma série notabilíssima de académias, que irá, aliás, desenhar e pintar até aos tempos de Itália, constituída por peças da maior qualidade artística no entendimento da estrutura anatómica do corpo e no registo das diferentes atitudes.

O antigo director da Escola de Belas-Artes do Porto, arquitecto Carlos Ramos, escrevia, em 1965, sobre o valor instimável deste conjunto de obras académicas: «A título de esclarecimento e como exemplo diremos ainda que só dos trabalhos escolares desse incomparável arauto do Impressionismo em Portugal, que se chamou Henrique Pousão, enquanto aluno da Academia Portuense de Belas-Artes e pensionista em Paris e Roma, *seria possível organizar um pequeno museu de incalculável valor didáctico.*»

O catálogo das obras da XII Exposição Trienal da Academia Portuense de Belas-Artes de 1878, regista cinco obras suas apresentadas na secção de Arquitectura, a uma das quais se dá agora reprodução — «Projecto de Café-Concerto». (Cat., n.º 100). Em 1877 completou Henrique Pousão o seu 5.º ano de Arquitectura, no qual foi aprovado com 19 valores e louvor, e teve dois projectos «julgados dignos de ficar na Academia» (precisamente dois da XII Exposição).

O alçado do Café-Concerto é marcado pelos dois corpos poligonais «en relevé», a formar um prisma octogonal, de sabor a torreão militar onde se desenvolveriam jogos de escadas e se estabeleciam as clarabóias do sistema de iluminação. Ao nível do primeiro andar, no enfiamento das pilastras do rés-do-chão, implanta-se um conjunto de estátuas que animam o limite avançado do terraço ou varandim e que dialogam quer com as das duas fontes que encimam a taça quer com as das extremidades.

A complexidade do curso da Academia, abrangendo áreas de Escultura e de Arquitectura, dava assim oportunidade a alunos interessados mais na formação de pintura de revelarem capacidades altamente apreciáveis, como é o caso deste projecto de Henrique Pousão. A sua aprendizagem escolar desenrolou-se ao longo de sete anos, sob a tutela dos professores Tadeu Maria Furtado e João António Correia: contudo, a partir do 5.º ano, a influência das obras dos pensionistas no estrangeiro, Silva Porto e Marques de Oliveira, com o abandono dos betumes e clareamento da paleta, abre a hipótese de uma bipartição desta sua fase escolar.

Em Paris vemo-lo a caminhar em dois campos, o primeiro o das «Beaux-Arts», sob a direcção oficial de Cabanel e de Yvon, mestres e pintores académicos prestigiados no Paris do «Salon». A estes professores tinha Henrique Pousão de dar resposta no cumprimento das suas obrigações de bolseiro. Aliás, a sua primeira remessa constava precisamente de «quatro academias desenhadas, três debaixo da direcção de Mr Cabanel» (Cat. n.ºs 150, 155 e 169) «e uma feita no concurso para medalha no curso de Mr Yvon» (Cat., n.º 165), segundo a expressão do seu relatório enviado a 9 de Outubro de 1881. Prova de assistência e de aval escolar que deveria acautelar como requisito para a sua continuação em Paris. Contudo, os estudos pintados, a paisagem e a vista de Saint Sauves, e a «Velha a Dobar», foram feitos à revelia dos mestres, nos meses de Julho a Setembro de 1881, durante a estada de Pousão no Puy-de-Dôme, Maciço Central, junto a Clermont-Ferrand, região escolhida em razão dos bons ares e das termas. Atente-se à pouca distância a que ficava Vichy e ao ambiente bem epocal, de significado mundano «fin-de-siècle», que levava o hotel onde estava hospedado a designar-se de «Hôtel de Venise».

O seu relatório anuncia que, depois da licença do representante de Portugal e do professor Cabanel, partiu para Bourboule, a 6 de Julho, «aonde fez estudos de paisagem». Portanto, uma preocupação permanente, o estudo da natureza e a resposta escolar que o absorveria a ponto de as cartas escritas por esse tempo serem muito breves, pois invocava que eram «horas d'ir continuar um estudo de campo» (carta de 11.1.1881), e acrescentará no mesmo relatório que a doença contraída o impediu de partir para o campo, «por vêr ahí o meu principal estudo como pensionista».

Nos apontamentos de tipos populares que executou nesta região, o desenho é muito simples e de registo quase automático para a definição da globalidade das figuras.

As paisagens já as referimos e representam um apuramento técnico e de pesquisa cromática que estava já implícito nos pequenos quadros de Paris, «Vista do Sena» (Cat., n.º 160) e «Bosque de Bolonha» (Cat., n.º 162), onde ensaiava a aplicação da cor pura (tal como saía do tubo) e das suas relações directas, sem passagens intermediárias, traduzindo o seu outro campo de procura artística. Tentava captar a impressão do momento, uma fixação da luz do «plein-air», esquecendo, talvez, os preceitos académicos. Todo o lado simbólico e regrado da pintura histórica ou da paisagem «corotiana» ficou para trás, e realiza uma pintura franca de cor violenta, essencialmente visual, através de uma observação aguda da natureza.

Teremos de admitir que as experiências bárbaras dos impressionistas o surpreenderam e pode até passar por ser um dos seus correligionários, «vê-se que ele, sempre estudante se lia os seus compêndios escolásticos, também devorava os belos livros proibidos» (R. Nobre, «Pousão», in *O Primeiro de Janeiro*, 1.1.1958).

1882-1883

Entre Roma e Capri

Uma doença pulmonar leva-o a abandonar Paris e a fixar-se na Itália, tendo escolhido a cidade de Roma para sua primeira residência. O conselho médico era no sentido de procurar uma clima mais temperado e, portanto, não deveria «passar em Paris o próximo inverno pela razão de estar ainda muito fraco da bronchite que alli tive e me poder ser bastante prejudicial».

Lembrando das informações de Silva Porto e Marques de Oliveira, Roma ser-lhe-ia uma cidade não distante, nem desconhecida, e poderia até, em perfeita determinação orientar a sua própria via de aprendizagem, sem necessidade de recorrer à escola oficial. É o que se retira do relatório do seu 2.º ano de estudos, onde comunica que «resolvi não ir frequentar a Academia de Bellas-Artes, já por ser bem secundária à de Paris». A revelar quanto o ensino portuense e o mais recente da escola, em Paris, lhe bastavam neste momento da sua evolução, e a estabelecer uma valoração amadurecida de importância dos dois meios, Paris e Roma, com preferência do primeiro. Apesar de tudo, o seu relatório faz saber que não se encontrava desapoiado em Roma, «esquecia-me de dizer que não tendo aqui professor propriamente dito, contudo menciono Pradilla por sêr a elle a quem pedi para lhe mostrar o que fosse fazendo e dar-me os conselhos que julgasse convenientes.»

Este espanhol, também bolseiro e depois director da Academia Espanhola de Roma, foi escolhido pelo prestígio de artista e influência no meio português, mas apenas emitia pareceres a título individual e consultivo e não mantinha nenhuma relação didática com Henrique Pousão.

Percebe-se que este tivesse necessidade de avalizar o seu trabalho pelo parecer de uma personalidade, parecer que não deixaria de registar no seu relatório oficial. Teve disponibilidade financeira para alugar um «atelier», já que a estada no Instituto de Santo António não seria muito gravosa, e o encargo com a frequência do «Círculo dos Artistas», onde «durante a noite desenhava academias pelo modelo vivo e fazia costumes a aguarella ou a pena», ser-lhe-ia ainda suportável.

As obras que realizou neste círculo são deveras impressionantes, quer as academias, onde o traço completamente liberto modela os corpos de um modo perfeito, deslocando-se de um rigorismo clássico para uma procura mais atenta à postura física e simultaneamente a um recorte psicológico, quer as aguarelas, que lhe permitem a ousadia do tratamento da figura através da mancha, usada para todos os tipos de acentuações e de marcação de contrastes. Estes exercícios denunciam a sua preocupação de não se circunscrever apenas à composição correcta da figura, antes utilizando a própria cor como elemento autónomo de expressão plástica. Aliás, no seu relatório, tem a franqueza de equacionar a questão do academismo, e a da via liberta e do estudo sobre o motivo, que acha tão válido como aquele. Na verdade, escreve que lhe parece «também inconveniente habituar-me completamente a não fazer que uma figura academica quero dizer a imaginação preocupada só com a parte da plástica esquecendo ou despresando a outra que é tão importante como esta». E assim continuava a visitar galerias de pintura e a realizar cópias para o envio de pensionista, como a feita em Nápoles, no Palácio de Capo di Monte, de um paisagista que não considerava de grande mérito, mas as dificuldades tidas condicionaram a sua escolha.

Mas o outro seu lado não deixava de expandir-se e o seu interesse experimental a manifestar-se, pois Henrique Pousão ainda alega no relatório, «alem da copia apezar do mau tempo que quasi sempre fazia fiz varios *pequenos estudos como impressões de viagem*».

São deste período as visitas do Vesúvio com dissolução das formas, e a representação a cifrar-se num estado de fixação momentânea, e os espaços criam-se com os valores dos tons graduados de luz.

BIOGRAFIA

1859 Nascimento em Vila Viçosa, na Rua da Corredoura, filho de Francisco Augusto Nunes Pousão, administrador de concelho, depois delegado do procurador régio, e juiz de direito, e de Maria Teresa Alves d'Araújo. Acto de baptismo na Igreja Paroquial de S. Bartolomeu, em Vila Viçosa; foram padrinhos o seu tio António Lobo da Rosa e D. Maria das Dores Veiga Matroco. **1863** Vai para Elvas juntar-se aos pais depois da morte de seu avô António José Pousão. **1865-1868** Frequência da Escola Primária, tendo como mestre o prof. Manuel Justino Pires. Exame final, a 3 de Maio de 1868, no Liceu Nacional de Portalegre. **1867** Data conhecida do seu desenho mais antigo (*v. cat. n.º 1*). **1869** «Retrato de Rubens» (*v. cat. n.º 8*). O eng.º Evaristo Nunes Pinto, amigo do Dr. Nunes Pousão, incita-o a mandar H. Pousão para uma escola de desenho. **1872** Passa a residir em Barcelos, devido à transferência do pai para aquela comarca. Vive no Porto, em casa do eng.º Evaristo Pinto, agora nesta cidade, e inscreve-se no 'atelier' do pintor António José da Costa (1840-1929), preparando-se para a admissão na Academia Portuense de Belas-Artes. Matrícula na Academia Portuense de Belas-Artes. **1873** Passa férias em Guimarães, para onde seu pai foi transferido. Exames do 1.º e 2.º anos de Desenho Histórico com louvor e 2.º prémio pecuniário de 20.000 réis, e do 1.º e 2.º anos de Arquitectura, obtendo respectivamente *distinção e louvor*. *Data da sua primeira pintura a óleo — o «Castelo de Guimarães»* (*v. cat. n.º 16*). **1874** Conferência da Academia atribuindo-lhe louvor e 2.º prémio pecuniário no 3.º e 4.º anos de Desenho (*v. cat. n.º 84*); *elogio* pelo 1.º ano de Escultura; *louvor* no 3.º ano de Arquitectura e *aprovação* em Anatomia Artística. **1875** Novas distinções: *louvor* e 2.º *prémio pecuniário* no 5.º ano de Desenho; *elogio* no 1.º ano de Pintura Histórica, *sob a orientação de João António Correia* (1822-1897); *elogio* no 2.º ano de Escultura, e *louvor* no 4.º ano de Arquitectura e Perspectiva. **1876** Conclusão da formação na área de Arquitectura; o projecto «Café-Concerto» (*v. cat. n.º 100*), é considerado digno de ficar na Academia; *elogio* no 2.º ano de Pintura Histórica e no 3.º ano de Escultura. Férias grandes em Olhão, onde seu pai é juiz de Direito, depois da transferência de Guimarães a 28.10.1875; férias de Natal em Castelo de Paiva, desenhando aqui um «Auto-Retrato» (*v. cat. n.º 103*). **1877** *Elogio* no 3.º ano de Pintura Histórica e *aprovação* no 4.º ano de Escultura. Pinta «Cesto de Camélias» (*v. cat. n.º 105*), em referência muito visível ao mestre João A. Correia, recebendo por esta obra uma *menção honrosa* na Exposição Hortícola-Agrícola realizada no Palácio de Cristal (29.6). **1878** *Elogio* no 4.º ano de Pintura Histórica e no 5.º ano de Escultura, apresentando as

figuras de «Ceres e Mercúrio» — estátuas de barro, e «Sátiro» e «Bacante» — grupo de barro, na XII Exposição Trienal da Academia Portuense de Belas-Artes. Na secção de Pintura apresentou entre outros: «Auto-Retrato» (*v. cat. n.º 109*), «Retrato de Pescador» (*v. cat. n.º 117*), este pintado nas férias em Olhão. **1879** Pinta «Daphnis e Chlôe» (*v. cat. n.º 121*), para final da cadeira de Pintura Histórica, com *distinção* de 18 valores e julgamento de ficar pertencente à Academia. Em fins deste mês vai para Vila Viçosa, onde permanece até 20 de Outubro. Chega a Odemira, nova residência de seu pai. Executa a «Barca do Rio» (*v. cat. n.º 125*), e o «Retrato da Irmã Carmo» (*v. cat. n.º 123*). Regresso ao Porto em meados do mês. Inicia preparação para o Concurso de Pensionista do Estado no Estrangeiro na classe de Paisagem. **1880** Executa o retrato de Brito Capelo (*v. cat. n.º 142*), por encomenda do Ateneu Comercial do Porto, e realiza composições para ilustração da revista *O Ocidente* (*v. cat. n.º 122, n.º 125, n.º 132*). Faz deslocações ao campo, acompanhado de Marques d'Oliveira. Colabora na formação do Centro Artístico Portuense, juntamente com Soares dos Reis, Marques d'Oliveira, A. José da Costa, Tomás Soller (*v. cat. «O Friorento», n.º 130*). Prova de Paisagem «A Rua Alexandre Herculano» (*v. cat. n.º 135*), em concorrência com António Ramalho. Outra prova do Concurso, cabeça de animal: «Cabeça de Burro» (*v. cat. n.º 137*). Conferência da Academia com aprovação dos dois candidatos em *mérito absoluto*, e preferência para Henrique Pousão de 8 votos contra 2 em *mérito relativo*; interposto recurso à decisão. Portaria de confirmação da resolução do júri da Academia. Deixa o Porto a caminho de Odemira, devido a nova transferência do Dr. Nunes Pousão. Início da viagem para Paris. Encontro em Elvas com Souza Pinto, que deveria seguir para Paris, igualmente como bolseiro. Visita o Museu do Prado, em Madrid, Toledo e o Mosteiro de S. Lourenço do Escorial. Chegada a Paris. Entra no 'atelier' de Mr. Cabanel e de Mr. Yvon. **1881** Concurso de 'atelier', classificado em 1.º lugar entre 23 desenhadores. Admissão à Escola de Belas-Artes. Classificação em 35.º lugar entre 70 admitidos. Com autorização do representante de Portugal e do professor Cabanel, parte para Bourboue, no Puy-de-Dôme. **1881** Passa para a Aldeia de St. Sauves, também no Puy-de-Dôme e realiza «Aldeia de S. Sauves», «Paisagem», e «Velha a Dobrar» (*v. cat. n.ºs 172, 173, 177*). Visita Clermont-Fernand; retorno a Paris e execução de «A Tempestade» cópia de E. Vernier (*v. cat. n.º 179*), no Museu do Luxemburgo. Envio do 1.º relatório de estudos de pensionista e requerimento de transferência para Roma devido à benignidade do clima. Outubro Dezembro Continuação da frequência do 'atelier' de Cabanel e de Yvon. Carta a Marques

d'Oliveira a felicitá-lo pela entrada para professor de Desenho na Academia do Porto, anunciando-lhe que vai partir para Roma. Chega a Roma; instala-se no Instituto de Santo António dos Portugueses. **1882** Inscrição no Círculo dos Artistas e aluga um 'atelier' na Via dei Portoghesi. Pinta e desenha activamente. Executa «Cecília», «Napolitana», «Cabeça de Rapaz Napolitano» (*v. cat. n.ºs 199, 201, 202*). Admissão do quadro «Cecília» no Salon de Paris. A conselho de Pradilla e seguindo os passos de Silva Porto e Marques d'Oliveira, fixa-se em Capri, no Albergio Paradiso. Pinta «Casas Brancas de Capri» (*v. cat. n.º 239*). Permanência até fins de Novembro. Saída de Anacapri. Chegada a Nápoles, onde visita museus e faz excursões aos arredores. Pinta aspectos do Vesúvio e realiza a cópia do quadro de Mancini «Il Delitto», do Museu de Capo di Monte. Abandona esta cidade em meados de Janeiro. **1883** Chegada a Roma para preparar o envio do seu segundo ano de bolseiro. Envio do relatório do 2.º ano

de estudos e remessa dos quadros para a Academia Portuense de Belas-Artes. **1883** Conferência da Academia Portuense de Belas-Artes com voto de louvor pela sua remessa. Segunda estada em Capri. Pedido para se ausentar de Itália para Portugal devido ao seu estado de saúde. Recebe autorização para se deslocar temporariamente a Portugal. Viagem de regresso a Portugal passando por Génova, Marselha, Barcelona onde pinta o «Cais de Barcelona» (*v. cat. n.º 281*), Valência, Sevilha, Aiamonte, Vila Real de Santo António e Olhão. Nesta vila, onde seus pais moravam, faz uma curta permanência. Nesta data está em Vila Viçosa, em razão de conselhos médicos baseados na natureza dos ares mais propícios ao tratamento da doença. Vai para casa de Manuel M. Matroco. **1884** Agravamento da doença e execução das últimas obras. «Flores Campestres» (*v. cat. n.º 287*) é considerado seu último trabalho. Morre em casa do primo Matroco, na Rua de Santa Luzia, em Vila Viçosa.

biblioteca
municipal
barcelos



29329

Henrique Pousão